

## TEATRO FEMINISTA NO BRASIL: *LOUCAS DE PEDRA LILÁS*<sup>1</sup>

Orientadora: Professora Dra. Maria Brígida de Miranda

Bolsista: Lara Tatiane de Matos

Palavras Chave: Teatro, Feminismo.

### RESUMO

Neste artigo abordo a existência no Brasil de grupos de teatro formados exclusivamente por mulheres, cuja organização e produção são divididas entre as participantes. Trato especificamente de um grupo de teatro feminista, o grupo de Recife, Pernambuco, *Loucas de pedra lilás*. E a partir deste dado questiono se deste modo a criação artística tem agora um olhar feminino sobre o que é produzido. A representação da mulher começa a ser discutida? A quebra de estereótipos? A representação da mulher no trabalho destes grupos busca outro caminho, que não a imagem já estabelecida?

No início do século XIX a influência de acontecimentos históricos como a Revolução Francesa na Europa, acompanhada pelas idéias Iluministas, e a Guerra da Independência nos Estados Unidos, eram momentos de efervescência que propiciavam as manifestações feministas. E apesar de acreditar-se que “Os rostos do feminismo são múltiplos e seria inútil procurar um momento fundador.” (KAPPELI, 1994 p 320). É fato que este período foi importante enquanto estopin para a inserção do pensamento feminista na política ocidental:

Em toda a Europa, a filosofia das luzes oferece um arsenal de armas intelectuais à causa feminista: idéias da razão e do progresso, direito natural, desenvolvimento da personalidade, influência positiva da educação, utilização social da liberdade, assim como o postulado de direitos iguais.

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa *Poéticas do feminino e do masculino: a prática teatral na perspectiva das teorias de gênero*. Centro de Artes

Orientadora: Professora Dra. Maria Brígida de Miranda.

Bolsista: Lara Tatiane de Matos (PIBIC)

( KAPPELI, 1994 p 320 )

Na Europa e nos Estados Unidos da América, as primeiras manifestações públicas do feminismo estavam ligadas à um contexto que propiciava, de certo modo as ações das chamadas Sufragistas, um movimento social de mulheres que defendia o direito ao voto para mulheres. As manifestações feministas do século XIX estavam ligadas principalmente às mulheres da burguesia que reivindicavam certos direitos. Segundo a autora, essas lutas e reivindicações desenrolam-se do século XIX até as décadas de 1920 e 1930:

[...] na América do Norte e em outros países, entre as décadas de 1920 e 1930 as mulheres conseguiram, em vários lugares, romper com algumas das expressões mais agudas de sua desigualdade em termos formais ou legais, particularmente no que se refere ao direito ao voto, à propriedade e ao acesso a educação. (KAPPELI,1994 p 321)

Este movimento que durou até a Primeira Guerra Mundial foi chamado mais tarde de a ‘primeira onda do feminismo’, e teve maior expressão em países como Estados Unidos, França e Inglaterra. Após a ‘primeira onda’ com as conquistas dos direitos ao voto e à educação entre outros, o movimento teve uma baixa, mas em 1960 ele ressurgiu desta vez estimulado pelas idéias sobre o corpo feminino e os direitos ao próprio corpo. Vale lembrar que em 1949, Simone de Beauvoir publica *O segundo sexo*, um livro polêmico para a época, onde a autora discorre sobre os vários mitos e fatos sobre as diferentes perspectivas acerca do corpo feminino, são analisados desde os fatores biológicos que identificam as mulheres enquanto fêmeas da espécie, até fatores sócio-culturais que segundo ela, tornam a mulher uma ‘mulher pra a sociedade’. Esta leitura influenciou muitas mulheres e serviria de base para os caminhos do movimento em 1960. Nesta que foi chamada ‘segunda onda’ do feminismo, as reivindicações estavam focadas nos direitos reprodutivos, na luta contra a violência doméstica e estupro e na punição para agressores e também na conquista de direitos trabalhistas.

Acentuadas por tantas modificações e variações temporais estão as interpretações dos objetivos do feminismo, mesmo porque as diversas ondas e segmentações do movimento o tornaram multifacetado. Primeiramente coloca-se que o movimento feminista por excelência acredita haver uma subordinação da mulher na

sociedade: “As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação.” (PISCITELLI, 2002 p 09). A partir deste pensamento muitas outras teorias foram sendo agregadas ao movimento feminista, e por isso subdividindo-o em teorias e movimentos específicos, causando discussões acaloradas dentro do próprio feminismo.

Surgindo assim, as nomações em que se que liga a palavra feminista ao nome da ideologia ao qual se mistura. Por exemplo, o ‘feminismo socialista’ e o ‘feminismo radical’, são dois segmentos que mapearam causas e soluções bastante diferentes para a subordinação feminina. Segundo Adriana Piscitelli (2002 p 10), “o feminismo socialista orienta-se: pela idéia de que a divisão do trabalho baseada no sexo implicou desigualdades ou opressão sexual apenas no momento em que surgiram as classes sociais baseadas na propriedade privada”. Para este segmento a solução esta na aplicação do socialismo, acabando com as diferenças sociais e por conseqüência e gênero. Segundo autora o feminismo radical acredita “que as origens da subordinação feminina estão visivelmente localizadas no processo reprodutivo” (PISCITELLI, 2002 p 12). E a solução esta no domínio das mulheres sobre a reprodução e, além disso, a instauração da reprodução artificial, acabando assim com qualquer importância dada às diferenças genitais.

#### ALGUMAS IMAGENS POPULARES DA FEMINISTA NO BRASIL

O movimento feminista mesmo sendo bastante diversificado por muito tempo teve como sua representação uma imagem única e deturpada. Talvez, essa imagem parece ter sido construída na mídia, primeiro a impressa, depois a televisiva. Durante muito tempo as feministas eram representadas como mulheres feias, mal amadas, extremamente sexistas, e cujo objetivo era escravizar o homem assumindo categoricamente o seu lugar, deste modo todo o discurso feminista era tomado como uma forma de exteriorizar a frustração de certas mulheres, cuja vida nada tinha de interessante e por isso se apegavam a este tipo de discussão.

Elza Cunha Vicenzo descreve no início de seu livro *Um teatro da mulher* como o movimento feminista era visto no Brasil em meados de 1967:

Dos movimentos feministas da época, conhecíamos apenas os ecos que a imprensa comum fazia chegar aos leitores comuns. Isso, em relação a outros países, porque as poucas coisas que se passavam no Brasil não alcançavam merecer noticiário relevante... Eram breves relatos, quase sempre irônicos, repassados de humor em tom pejorativo, que ressaltavam, subliminarmente, o lamentável ridículo em que se podiam cair as mulheres que se envolviam em tais movimentos. (1992, p 14)

Assim, a partir deste relato podemos perceber que ao dar ouvidos e participar das discussões feministas as mulheres podiam ser acusadas de um relaxamento de valores, ou seja concordar com os questionamentos levantados pelo feminismo era sinal de rebeldia, radicalismo. Deste mesmo modo, de acordo com Cynthia Sarti, no Brasil de 1970:

Inicialmente ser feminista tinha uma conotação pejorativa. Vivia-se sob fogo cruzado. Para a direita era um movimento imoral, portanto perigoso. Para a esquerda, reformismo burguês, e para muitos homens e mulheres, independentemente de sua ideologia, feminismo tinha uma conotação antifeminina. A imagem feminismo versus feminino repercutiu inclusive internamente ao movimento, dividindo seus grupos como denominações excludentes. (2004 p 40)

Mas essas idéias continuam sendo perpetuadas pelos meios de comunicação de massa, há alguns anos a Rede Globo de Televisão produziu e veiculou a novela *O cravo e a rosa* adaptação da obra *A megera domada* de William Shakespeare. Ambientada nos anos de 1920, a novela trazia a personagem principal Catarina como uma feminista praticante, envolta na tentativa de conseguir direito ao voto para as mulheres, mas principalmente empenhada em não precisar se casar. Seu pai então contrata um noivo para ela, Petruchio que deveria “domar” a rebeldia da Megera. Se Petruchio encantava o público, principalmente o feminino, tanto pela beleza do ator que o representava, quanto pela ingenuidade do homem rural, Catarina irritava pela histeria com que gritava as palavras de ordem e por sua inabilidade em viver fora do conforto de seu lar burguês.

O fim da novela, a ordem social tradicional é reestabelecida: Catarina, que durante toda a novela se esforçava para resistir aos encantos masculinos de Petruchio, se entrega aos “desejos carnavais”, que são mote também para a briga interna do pequeno movimento da cidade, outras duas sulfragistas são sexualmente atraídas pelo personagem “mudinho” que mente ser deficiente para ganhar abrigo das moças, e acaba por “tirar o atrazo” das duas, encantando-as e se aproveitando da situação. Catarina

casa-se com Petruccio, vai morar numa fazenda, onde aprende tudo o que uma mulher deveria saber: cuidar da casa, ter pouco tempo para leituras que subvertem a ordem das coisas e cuidar de sua própria vida. O fim do folhetim é uma outra briga entre Catarina e Petruccio, mas agora na esfera pessoal onde em “briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. Talvez mantendo um espaço conservador onde problemas domésticos, incluindo a violência são assuntos privados.

Este exemplo talvez mostre como os meios de comunicação ajudam a construir e divulgar representações deturpadas do movimento feminista, para mulheres de várias classes sociais. Representações como esta ajudam a disseminar noções do movimento feminista como um movimento separatista e sexista, mesmo mulheres que possuem um nível superior de escolaridade, desenvolvem aversão ao movimento. Os fatos históricos, direitos e objetivos do movimento são ignorados em sua maioria por grande parte da população, resumindo normalmente suas manifestações a ‘queima de sutiãs’ ou acreditando ser feminismo uma equivalente do machismo às avessas. Nas próximas páginas apresento um grupo feminista que busca por meio do teatro desconstruir essas imagens da mulher e do feminismo.

## EM BUSCA DE UM TEATRO FEMINISTA

A questão principal deste artigo é se existem grupos de teatro feminista em atividade no Brasil nos dias de hoje. E se existem, esses grupos ou práticas teatrais auto-denominam-se dentro da categoria ‘teatro feminista’? A busca realizada em *sites* da internet, por grupos de teatro formados exclusivamente por mulheres e/ou grupos feministas, resultou no encontro de críticas, releases, projetos, materiais de divulgação de espetáculos teatrais e entrevistas. A busca foi feita da seguinte maneira: ao relacionar as palavras chave “mulher e teatro”, as ocorrências apareciam em grande número, ao relacionar “grupo de mulheres” as ocorrências eram menores, e ao relacionar “teatro + feminismo” nenhum grupo se apresentava exceto o grupo a ser estudado neste capítulo. A quantidade de páginas sobre ‘mulher’ ou ‘mulheres’ ultrapassava o número de referências às produções de grupos formados por mulheres.

O que era disponibilizado enquanto texto nos *sites* e apresentava uma discussão sobre ‘mulheres’ em relação a ‘teatro’ era bastante numeroso. Porém a

maioria das produções teatrais tinha direção, ou concepção de diretores e não de diretoras, ao mesmo tempo o número de grupos de artistas mulheres discutindo mulheres era pequeno. O que foi encontrado foi o material de apenas alguns grupos de teatro formado exclusivamente por mulheres. Dentre eles *As Marias da Graça* (que conta com colaboração de convidados na direção dos espetáculos), <sup>2</sup> *Cia. Trapaça*<sup>3</sup> e *Sem Teias Teatro*<sup>4</sup> e que apenas um grupo se identificava no *site* como um grupo de ‘teatro feminista’, deste modo este grupo se tornou objeto de nossa pesquisa.

Apesar de várias produções brasileiras na atualidade clamarem ter como foco ‘a mulher’, ‘o feminino’, ou ‘questões femininas’, dos grupos pesquisados na internet, o *Loucas de Pedra Lilás* é o único grupo teatral no Brasil que em assume claramente a categoria de ‘teatro feminista’.

As notícias, críticas, material de divulgação que citavam o grupo *Loucas de pedra lilás*, estavam ligadas principalmente à ocorrência de sua participação em eventos como o *Fórum Social Mundial*, simpósios internacionais e eventos regionais que tinham como atração apresentações do grupo<sup>5</sup>, caracterizando-o como um grupo com certo reconhecimento do seu trabalho, o que nos mobilizou a verificar através do seu próprio *site* do que estava tratando este grupo em suas performances. Ao acessar o *site* das “Loucas” como elas próprias se chamam, quatro bonequinhas desenhadas e animadas descem da parte superior da página, e abraçadas lembram meninas que saem alegremente descendo uma ladeira, elas sorriem e parecem cantar algo. Estas animações poderiam sugerir uma representação do espaço criado pelo movimento feminista, especificamente o teatro feminista feito pelas “Loucas”, onde algumas mulheres se reúnem, discutem, trabalham e vão para as ruas, lá desejam serem ouvidas, vistas, compreendidas, essas mulheres querem falar de coisas que lhes acontecem cotidianamente, de direitos, deveres, responsabilidades, amores, dores, desejos.

Na busca de informações específicas sobre o grupo, como data e forma de origem, elenco e concepção artística, não disponibilizadas no *site*, fiz contato<sup>6</sup> com Cristina Nascimento, atriz “Louca” e coordenadora pedagógica do grupo que através de

<sup>2</sup>: <http://www.asmariasdagraca.com.br/> acesso em: 20/03/08 14:00

<sup>3</sup>: <http://www.ciatrapaca.blogspot.com/> acesso em: 20/03/08 14:05

<sup>4</sup><http://paginas.terra.com.br/noticias/porto/semteias/fv092003.htm> acesso em: 20/03/08 14:30

<sup>5</sup>Fórum Social Mundial de Porto Alegre - Brasil 2002; Quito – Equador 2004; Porto Alegre – Brasil 2005; Caracas – Venezuela 2006.

Simpósio Internacional Pobre Mundo Rico – Galícia Espanha, 2007

<sup>6</sup>Em virtude da pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso, entrei em contato com o grupo através de um *e-mail* disponibilizado no *site* das “Loucas”. Cristina Nascimento foi muito solícita em responder minhas perguntas o que foi primordial para as conclusões tiradas na pesquisa.

uma conversa por *e-mail* que nos informou que “O Grupo de Teatro *Loucas de pedra lilás* surge em 1989, a partir do desejo e da necessidade de **inquietas militantes feministas**, em criar imagens fortes, simples e bem-humoradas para ilustrar as questões das mulheres e as demandas do Movimento.” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 , p 1) (Grifo da autora).

Em 1996 o grupo foi oficializado enquanto uma Organização Não Governamental (ONG), e no tempo que decorreu desde então, conseguiu uma sede própria o *Galpão das loucas*, uma *kombi*, microfones, equipamentos e recursos para as apresentações. Nestes doze anos de estrada foram contempladas pelas das organizações Unifem<sup>7</sup>, V-Day Global Vision<sup>8</sup>, e pelo Sistema de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco<sup>9</sup>.

As loucas possuem um núcleo central de participantes, formado sob a coordenação geral de Ana Bosch (artista gráfica), Gigi Blander (educadora); coordenação pedagógica de Cristina Nascimento (arte-educadora) e gerência administrativa de Cristina Maia (técnica de departamento pessoal). O grupo conta segundo Nascimento, com quatro atrizes fixas: Bosch, Blander, Nascimento e Nadege Nascimento e mais sete jovens atrizes, as chamadas “louquinhas”, mas sempre que necessário o grupo convida pessoas, mulheres e meninas para a participação nas performances: “Isso acontece especialmente em torno da agenda política das mulheres, durante as oficinas-montagens de performances de rua, abertas para quem quiser experimentar o desafio de ir para as ruas.” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p 1).

Com idades que variam entre vinte e cinquenta e cinco anos, organizam-se em prol de uma arte que busca “contribuir para a garantia e ampliação dos direitos humanos, em especial os direitos humanos das mulheres, para a construção de sociedades mais plurais, justas, iguais, participativas e solidárias.” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p1). Ao perguntarmos sobre o contexto que gerou as loucas, Nascimento

<sup>7</sup> <http://www.loucas.org.br/unifem.htm>. O Fundo de desenvolvimento das nações unidas para mulheres (Unifem) foi criado em 1976 “como resposta às demandas das organizações de mulheres presentes na Primeira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, que se realizou na Cidade do México, em 1975.

No Brasil desde 1992, o Escritório Regional do UNIFEM para Países do Cone Sul trabalha para promover a igualdade de gênero e os direitos humanos das mulheres na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.” Disponível em: <http://www.unifem.org.br/> acesso em 17/05/2008.

<sup>8</sup> <http://www.loucas.org.br/vday.htm>. Criado em Nova York - 1998, por feministas americanas o V-Day é um evento que comemora o “Dia da Vagina”, a partir do trabalho Os Monólogos da Vagina de Eve Ensler, sua maior temática é a erradicação da Violência contra a mulher. Disponível em: <http://www.vday.org/contents/vday/history> acesso em 17/05/2008

<sup>9</sup> <http://www.loucas.org.br/lei.htm>

esclarece que “o contexto sócio-político-cultural e a vontade das mulheres de descer as ruas e colocar em imagens as injustiças baseadas nas relações desiguais de gênero, foram determinantes para o surgimento do movimento feminista/das loucas.” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p 2). Estas feministas vislumbraram no teatro a possibilidade de desmistificar o feminismo, desconstruindo assim os esteriótipos perpetuados pelos meios de comunicação de massa torná-lo humano e próximo das pessoas que abordariam na rua. Segundo Nascimento, o que elas querem é “Ou seja, fazer o feminismo “descer mais redondo”, com irreverência, simpatia e humor”. (*e-mail* recebido em 12/04/2008)

O *site* tranqüilamente navegável, agradável, de linguagem fácil e acessível, seus discursos são muito bem articulados e embasados.

Na segunda página do *site*, coberta de cores, brincando com fontes, e tamanhos diferentes das letras dos enunciados, uma poesia que parece a letra de uma canção, sintetiza três aspectos bastante importantes no grupo, o espaço onde elas atuam, o modo como atuam, os elementos que compõem a cena e a idéia que rege os trabalhos do grupo:

Veja quANTas LOUCas na RUa,  
as LoUCas de Pedra Lilás...  
DE novO nAS ruas  
iRão arrAsar,  
com a tiRAniA  
quE estA no AR.  
VEstidas de prEtO,  
de cARa piNtADa,  
arMAdas de esPOletAs eNGrAçadAS,  
(pim -pim -pim)  
QuE lutA é ESsa?,  
seM sANguE  
e sem doR?

(<http://www.loucas.org.br/principal.html> acesso em: 15/05/08 08:06)

O elemento espacial, a rua, é bastante importante para o grupo, ambiente de modificações intensas na sociedade e segundo André Carreira (2007 p 37). “espaço multifuncional – que contém desde a atividade cotidiana e repetitiva até os movimentos mais violentos e transformadores da sociedade -, potencializa as manifestações culturais de tipo político e lúdico.” Nas ruas o grupo se encontra com seu maior público, as pessoas que passam rotineiramente são pegas pelas performances engraçadas e politizadas do grupo, trabalhando temas que buscam transformar a sociedade e

transgredir uma ordem imposta, o grupo tem a rua como aliada e, apesar de não haver exatamente um lugar específico para suas apresentações, já que se apresenta também em palcos e lugares fechados, é nas ruas que as “loucas” mais freqüentemente descortinarão as violências e preconceitos infringidos às mulheres. (ver ilustração no. 1)

Sua estética seguiria o mesmo rumo, não simplório, mas simples sem pretensões, segundo o a própria atriz “fazendo um teatro ‘bem selvagem’, ‘sem medo do ridículo’”. Ao perguntar a Nascimento sobre o envolvimento de cada uma das atrizes com o movimento feminista, ela responde “Nosso teatro é feminista, as mulheres que se aproximam, geralmente são feministas ou tem uma simpatia, curiosidade sobre o feminismo.” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p 3). As atrizes pintam seus rostos com maquiagem de palhaço, (ver ilustração no. 2)desenhando uma máscara branca, usam roupas coloridas, fazem graça, mas não querem apenas risos inconscientes, elas fazem o que querem, dizem o que querem, numa sociedade tão cheia de culpa e medo, tão dissimulada, elas aceitam o nome, ‘Loucas’, mas não loucas comuns, são Loucas de Pedra, não de crack, não de diamantes, são *Loucas de pedra lilás*.

Pelas páginas seguintes encontramos informações que nos mostram um grupo de uma longa trajetória, seu repertório possui cerca de quinze performances e suas temáticas extremamente realistas não escondem o campo de trabalho entre arte, sociedade e saúde pública que norteia o grupo:

“Ilustrando a campanha das mulheres latino-americanas.”; “Saúde reprodutiva - a maternidade segura, o direito de decidir; a prevenção de câncer”; “O (não) atendimento na saúde na segurança e na justiça; as redes de solidariedade”; “O HIV/Aids - a ética nas relações amorosas e solidariedade com portador@s seu valor social”; “As mulheres na História - a conquista dos direitos; o empoderamento.”; “Saúde Mental - a Reforma Psiquiátrica.”; “Diversidade Sexual - o preconceito, a homofobia, a lesbofobia e a liberdade sexual”; “Racismo - Identidade, cidadania das mulheres negras”; “A exploração sexual infanto-juvenil - as respostas da cidadania.”; “Hanseniose - informação e mobilização.”

(<http://www.loucas.org.br/quemsao.htm> acesso em: 15/05/2008 12:55)

Mais que simples temas propostos pela discussão de um grupo, estes temas traduzem e especificam questionamentos que habitam o cotidiano das mulheres de Pernambuco e do Brasil, e denunciam a experiência de cada uma dessas atrizes, as Loucas de diferentes realidades trazem para a cena cada questionamento, cada problemática importante de seus contextos “As Loucas são mulheres que vêm de horizontes sócio-culturais dos mais diversos, misturando as experiências, as posições

sociais, as idades, os compromissos comunitários e de controle social cidadão [...]”  
(NASCIMENTO, em *e-mail* recebido em 12/04/2008 p 4).

Parece importante salientar a variedade temática discutida pelas Loucas, o grupo feminista não discute apenas as relações de gênero, mas assuntos que consideram importantes de um ponto de vista feminino, de modo a salientar outras preocupações com a sociedade, como a mudança de problemas sociais em busca de uma “utopia”, isto fica claro na descrição no final das impressões de sua estada na Alemanha em 1999:

Voltamos revigoradas.  
Com muita energia para retomar nosso trabalho em prol de um cotidiano onde a justiça social e econômica reine, em prol de uma utopia JÁ!  
(<http://www.loucas.org.br/alemanha.htm> acesso em 14/05/2008 13:22)

A narrativa continua, e descreve empolgadas experiências mundo afora, a voz única, que narra cada acontecimento, não tem um nome que assina e assim não parece solitária, pois ao contar as experiências do grupo, ela toma forma das diferentes vozes de cada uma das participantes:

[lembranças] De muitas emoções  
como em Landshut, quando Nadege  
chorou  
ao se lembrar da sua trajetória sofrida de trabalhadora[...]  
(<http://www.loucas.org.br/aleman4.htm> acesso em 14/05/2008 14:00)

O feminismo é amplo enquanto pensamento, e elas exploram este dado, para elas seus trabalhos artísticos e políticos são influenciados por várias fontes, utilizam desde as definições mais específicas como: “O movimento feminista é um movimento de mulheres que luta contra a dominação e a exploração vividas pelas mulheres” (ÁVILA apud NASCIMENTO, *e-mail* recebido em 12/04/2008, p 1) até mais abrangentes como a que diz que o movimento feminista consiste em:

Um movimento que vive de iniciativas duráveis ou esporádicas, aquelas dos grupos de ação locais, nacionais e internacionais, de seus jornais, de suas revistas, de seus lugares de palavra e intervenção – na instituição e fora da instituição – e que faz mexer as relações privadas e sociais, impõe as leis, muda as vidas, transtorna as câmaras políticas e as câmaras de dormir.  
(COLLIN apud ÁVILA 2006, p 1)

Este formato a que chegaram as ‘Loucas’ tanto na organização do grupo

quanto na estética que exploram, demandou com o correr dos anos, cursos de formação específicos como música, *performance* e percussão, para Cristina isso delimitou a recorrência das apresentações, se antes era freqüente agora é mais articulado.

Esta aprendizagem ampliou-se também para as questões organizacionais dentro da Ong, as divisões de tarefas, as decisões, as discussões comprometeram cada membro do grupo realizando um crescimento institucional também.

Ainda assim, pressionadas pela necessidade de organização e de enquadramento, as ‘Loucas’ não entregaram os pontos quanto ao que desejam e pretendem com o teatro. Vencedoras de prêmios em todo o mundo, elas continuam a voltar para sua terra e discutir os problemas de sua realidade, ao lançarem este ano *Um novo nordeste é loucamente possível*, série de pequenas cenas feitas para a televisão para discutir a política e corrupção nordestinas, as ‘Loucas’ chegam até o público que as vêem nas ruas agora pela televisão.

Um teatro engajado, mas menos na demagogia e mais na prática, uma poética específica de um contexto, realizado por ele e em prol dele, Nascimento reforça quando perguntada sobre a influência do trabalho feito no teatro na vida de cada atriz e a importância do feminismo na construção do pensamento do grupo: “Ao assumir o compromisso e transformar o mundo nos transformamos a nós mesmas (seja nas nossas relações afetivas, seja no cotidiano das relações de trabalho e nas nossas interações com amigas, amigos, família).” (e-mail recebido em 12/04/2008 p 1).

Ano passado em razão de uma visita de Eugênio Barba e Julia Varley<sup>10</sup>, ao centro de artes, estive visitando o *site* do *Magdalena Project*<sup>11</sup>, que conta com a participação de Varley, percebi que em nenhum momento a palavra ‘Feminismo’ aparecia no site. Em uma conversa informal perguntei a Julia porque isso acontecia: se havia motivo ou não para a ausência de referência ao movimento. Ao que ela me respondeu que o *site* é um espaço que atinge muitos lugares, e como porta de entrada para pessoas, e primeiro contato com o projeto, não poderia ter alguma citação que

<sup>10</sup>Respectivamente diretor e atriz do *Odin Teatret* com sede na Dinamarca.

<sup>11</sup> O Site do *Magdalena Project* disponibiliza as seguintes informações sobre o projeto: “El proyecto Magdalena es una red cross cultural muy dinamica de teatro y performance de mujeres, que facilita discusion critica, apoyo y ensenanza. Es un nexa para diversos grupos de teatro y individuos cuyo interes comun es asegurar la visibilidad de las actividades artisticas de las mujeres. Esta red fue creada en 1986 y esta conectada actualmente con mas de 50 paises, con grupos autonomos nacionales organizando festivales, encuentros y eventos en forma regular.” (MAGDALENAS PROJECT, **History**, disponível em : [http://www.themagdalenasproject.org/index\\_esp.htm](http://www.themagdalenasproject.org/index_esp.htm) acesso em 17/05/2008)

carregasse algum tipo de imagem fechada para o grupo, por isso o cuidado em não apresentar ligações com o movimento feminista, mesmo que ela, enquanto componente do grupo, seja feminista, o *site* não precisaria deixar isto exposto. Julia Varley me respondeu de forma coerente a questão, mas em sua explicação o feminismo assume a forma de impedimento, de empecilho, para a difusão de um trabalho teatral focado em mulheres, onde se concentram as idéias do *Magdalena Project*.

Comparativamente por toda a incursão pelo *site* do grupo *Loucas de pedra lilás*, letras cor-de-rosa cruzam a tela na parte superior “grupo de mulheres feministas”, não há dúvida a ser deixada, quando pergunto à Nascimento se o grupo se considera feminista com todas as letras, ela responde: “Letras maiúsculas e mais algumas...” (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p 1).

Esta convicção que acompanha o grupo seja no meio virtual, seja na rua, pode ser considerado um ponto importante no pensamento sobre a representação da mulher no teatro das *Loucas de pedra lilás*. As feministas que encontraram no teatro uma maneira de desmistificar o movimento também encontraram no movimento feminista uma maneira de desmistificar a ‘mulher’ no teatro, e buscam dentro de suas possibilidades tornar o seu teatro feminista veículo da modificação social que almejam. E, segundo Nascimento, estas modificações orientadas são destinadas à todas aquelas que participam de alguma maneira, seja na atuação, seja na recepção do espetáculo:

Muitas das mulheres que se engajam e participam das ações promovidas pelas Loucas e/ou pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco, tais como a vigília contra a violência, apresentações da agenda feminista, manifestações em torno da defesa do aborto, entre outras, na maioria das vezes, nunca fizeram teatro. A partir de provocações, oficinas e apresentações teatrais, as Loucas acabam estimulando a participação dessas mulheres também em suas comunidades, acompanhando suas vizinhas aos serviços de saúde, atendimento à violência, instigando discussões sobre a luta contra os preconceitos, a solidariedade, a inclusão da diversidade das pessoas (homossexuais, pessoas soropositivas) etc. (*e-mail* recebido em 12/04/2008 p 1).

Ou seja, o feminismo não se encerra na temática dos espetáculos, mas procura ir além das representações e se tornar prática cotidiana, tornando-se veículo para a criação de estratégias para a igualdade nas relações de gênero. Assim, as *Loucas de pedra lilás* estão longe da loucura que as nomeia: a estética não compromete a ética que está completamente embasada em uma “prática feminista” surgida de experiências

reais e pensada para o momento real de cada espectadora.

CARREIRA, André. **O teatro de rua (Brasil e Argentina nos anos 1980) uma paixão no asfalto**. Aderaldo & Rothschild editores, São Paulo, 2007.

COLLIN apud ÁVILA. **Os sentidos da ação transformadora feminista**. disponível em: [http://www.mujiresdelsur.org.uy/amb\\_enc06.pdf](http://www.mujiresdelsur.org.uy/amb_enc06.pdf) acesso em: 17/05/2008

GOULD apud CITELI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100007) acesso em 15/05/2008.

KAPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: Duby, G. e Perrot, M. (org.) **História das Mulheres no Ocidente**. Do renascimento à idade moderna. Vol. III Edições Afrontamento, 1994 São Paulo

LOUCAS DE PEDRA LILÁS. **Loucas de Pedra Lilás**, disponível em: <http://www.loucas.org.br>, acesso 17/05/2008.

MAGDALENAS PROJECT. **The Magdalena Project : international network of women in contemporary theatre**. disponível em [http://www.themagdalenasproject.org/index\\_esp.htm](http://www.themagdalenasproject.org/index_esp.htm) acesso em 17/05/2008)

NASCIMENTO, Cristina. **Informações Loucas de Pedra Lilás**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <laramatos2@yahoo.com.br> 12/04/2008

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: Algranti. Leila M. (org) **A prática feminista e conceito de gênero**. IFCH/Unicamp - Campinas, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. In. Revista Estudos Feministas. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003),

acesso: 15/05/08 12:45

UNIFEM. **Unifem**. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/> acesso em 17/05/2008.

VINCENZO, Elza Cunha de. **Um teatro da mulher**: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1992.

V-DAY GLOBAL VISION. **About V-Day**.

Disponível em: <http://www.vday.org/contents/vday/history> acesso em 17/05/2008